

# NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

*uma permeabilidade de fronteiras*



Denize Elena Garcia da Silva  
(Organizadora)

EDITORA  
  
UnB

  
OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),  
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),  
Jacob L. Mey (Odense University -  
Dinamarca), Maria Carmen Aires  
Gomes (UFV), Izabella dos Santos  
Martins Mendes (UFMG), Janaina  
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina  
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),  
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone  
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem  
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian  
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),  
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),  
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),  
Maria Francisca de Oliveira Santos  
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

*Reitor*  
Lauro Morhy

*Vice-Reitor*  
Timothy Martin Mulholland



*Diretor*  
Alexandre Lima

*Conselho Editorial*  
*Presidente*  
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,  
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,  
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

*Conselho Editorial*  
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,  
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,  
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva  
*Organizadora*

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



## **Equipe Editorial**

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem  
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

*Copyright* © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

## ***Impresso no Brasil***

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília  
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar  
70300-500 – Brasília-DF  
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611  
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
Central da Universidade de Brasília

---

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.  
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.  
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

---

*Ao meu Roberto e a cada Paulo  
da minha vida*





## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	11
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA</b> .....	19
<b>DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO</b> <i>Luiz Antônio Marcuschi</i> .....	21
<b>DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS</b> <i>Denize Elena Garcia da Silva</i> .....	37
<b>DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA</b> <i>Jacob L. Mey</i> .....	49

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63**

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE  
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

*Maria Carmen Aires Gomes* ..... 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM  
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À  
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

*Izabella dos Santos Martins Mendes* ..... 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA  
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO  
BRASILEIRO**

*Janaina Minelli de Oliveira* ..... 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E  
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO  
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA  
ATUALIDADE**

*Dina Maria Martins Ferreira* ..... 101

**A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”**

*Heloisa Marques Miguel* ..... 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA  
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

*Ivone Tavares de Lucena* ..... 125

<b>PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....</b>	<b>135</b>
<b>GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS</b>	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão .....</i>	<i>137</i>
<b>DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?</b>	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni .....</i>	<i>145</i>
<b>SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL</b>	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara .....</i>	<i>155</i>
<b>PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL .....</b>	<b>167</b>
<b>SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES</b>	
<i>Eline Alcântara dos Santos .....</i>	<i>169</i>
<b>OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES</b>	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos .....</i>	<i>179</i>
<b>ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA</b>	
<i>Cibele Brandão .....</i>	<i>191</i>
<b>COLABORADORES.....</b>	<b>201</b>



## **AGRADECIMENTOS**

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

## **Agradecimentos**

---

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE III - DISCURSO, GÊNERO SOCIAL  
E IDENTIDADE**





## **CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA ATUALIDADE**

*Dina Maria Martins Ferreira*

### **Entrecruzamento de pontos de vista**

A temática desse estudo é a identidade social do feminino, mostrada e construída historicamente. A partir da análise do construto identitário, organiza-se um eixo argumentativo baseado em indagações sobre em que pontos de vista é possível olhar o sujeito feminino situado em séculos distantes entre si: se podemos ter acesso ao universo identitário via um enfoque holístico ou atomístico, se metafísico ou pragmaticista, e como o organismo da linguagem se manifesta nessas polaridades. Esses enfoques vão ser discutidos tendo em vista a matéria discursiva, *Eneida* de Vergílio e discursos midiáticos recolhidos em *Caras* e *Quem*, revistas de circulação nacional, publicadas durante o primeiro semestre de 2002.

A idéia de trabalhar esses questionamentos partiu de artigos controversos nos quais acadêmicos expõem a possibilidade de convivência de opiniões diferentes em um mesmo espaço, nos quais Paulo R. Margutti Pinto e Kanavillil Rajagopalan conversam com Richard Rorty (Pinto et alii, 1998). A instigante controvérsia mostra ao leitor que discordância não pressupõe exclusão das partes em discussão, pelo contrário, as diferenças

movimentam-se entre o que é considerado padrão e o que se faz revolucionário. Baseada nesse pilar é que ousou demonstrar que a significação da identidade feminina pode ser entendida sob vários flancos, privilegiando aquele em que nossa escolha reflita nossas crenças:

Nós pensamos que há muitas maneiras de falar sobre o que está acontecendo, e que nenhuma delas está mais próxima do jeito como as coisas são em si mesmas que qualquer outra. (Rorty, 1998:15).

Vamos entender as perspectivas propostas de maneira simples, fora de uma retórica filosófica empolada, sem nos ater a “métodos” teóricos, mas em busca de uma justificação validada:

Os assim chamados métodos são apenas descrições das atividades nas quais se engajam os entusiásticos imitadores de alguma mente original – que Kuhn chamaria de os “programas de pesquisas” que o trabalho destas mentes originais fez surgir. (*Ibidem*, 1998:28)<sup>1</sup>

Junto à tentativa de mostrar a não fixidez de um olhar analítico e adotando um jogo de pontos de vista, o foco é indagar como o construto feminino caminha e se transforma no histórico da natureza humana.

## **Holismo e metafísica/atomismo e pragmatismo**

A leitura holística sustenta que

[...] organismo social é algo mais que a simples soma dos seus membros e é também algo mais que a simples soma das relações existentes entre os membros. (Abagnano, 2000:512)

logo pretende-se ao totalizante do que seja a identidade do feminino. A metafísica, aqui, se “une” ao holismo, pois pressupõe em suas prerrogativas conceituais atingir a essência de um ser imóvel no mundo. Se toda essência indica um todo, tem-se a fundação de um princípio organizador do que seja feminino. Já o atomismo afirma que a sociedade

[...] é constitutiva de elementos simples irreduzíveis, cujas diferentes combinações explicam todas as suas modalidades [...]

(sendo que) atomismo social é usado frequentemente para designar as doutrinas individualistas que consideram a sociedade resolúvel inteiramente nos indivíduos que a compõem (*Ibidem*, 92).

Atomismo, partes-do-todo, nessa proposta, pode se aliar ao pragmatismo rortyano pela punjança de subjetividade em detrimento da objetividade, além de uma visão contingencial do que seja o ser feminino.

Na realidade, a proposta argumentativa organiza-se em dois flancos: a essencialista-fundacionalista que se programa em torno de que abordar a identidade, na linguagem e no mundo, é vê-la em sua essência totalizante; e a contingencial que organiza o conceito de identidade do ser manifestando-se no instante histórico-social em que se insere. É metafísica contra pragmatismo? É essência contra contingência? É o todo contra a parte? Será que dois pólos controversos não podem solidarizar-se um com o outro na percepção do sujeito?

### **Estética e mídia em construto identitário**

Para que a questão possa ser “lida” argumentativamente, faço um contraponto entre figuras femininas, da *Eneida*, século I, e figuras femininas refletidas pelos holofotes da mídia, século XXI. Vamos utilizar dois corpos discursivos “dísparos” pela distância de tempo e espaço, pela distância sociocultural, e pela distância do tipo de gêneros discursivos. Pela do gênero discursivo, tem-se dois patamares que pela investigação tradicional se fazem antagônicos, pois literatura trabalha com criação estética e mídia, com a informação ordinária. Ao tentar fazer o encontro de discurso literário com o midiático não está se pleiteando anular os campos formais e propositivos de cada tipo de discurso, inegavelmente a especificidade de cada um se impõe no mundo das linguagens. A proposta não está em neutralizar suas constituições em prol do multiculturalismo discursivo, mas mostrar que ambos fazem parte do organismo linguagem na proposta de ver/construir/apresentar o mundo identitário, seja na dimensão do “fingimento” e/ou da realidade. No entanto, a disparidade entre os gêneros literário e midiático parecem esmorecer se entendermos o midiático das revistas *Caras* e *Quem* também se situando no universo do “fingimento”, pois as notícias dessas revistas visam esconder e/ou interromper o ordinário do cotidiano pela presença de sujeitos glamorosos nutridores do brilho fantasioso de um imaginário idealizado.

No primeiro momento, o *tópos* analítico vai se ater ao levantamento de atributos partilhados entre figuras femininas de momentos históricos diferentes. No partilhar de atributos, fronteiras históricas e discursivas vão-se tocando. Entende-se por atributos, categorias/funções, assumidas

por sujeitos em seu espaço e tempo. Propriedades vão indicar, pela repetição, constância e comunhão de atributos, características da natureza humana feminina. Atributos vivem nos históricos, que criam/mosttram propriedades meta-históricas.

Na *Eneida*, Dido, rainha de Cartago, no dever de condutora de um império, expressa a categoria do poder:

[...] assim era Dido,. Assim alegre caminhava entre os súditos, incitando-os ao trabalho pra o futuro império. Depois, chegando ao limiar do santuário, sob os tetos do templo, assenta-se, rodeada pelos guardas, no alto do trono. Distribui justiça e dita leis aos seus homens, partilha igualmente os trabalhos ou os sorteia, [...] (Livro I:47)

poder balançado pelos extremos da paixão:

[...] este homem me afetou os sentidos e abalou o coração: reconheço os vestígios da antiga chama... (Livro IV: 110)

[...]

Com estas palavras inflama de amor um coração já ardente, enche de esperança a mente hesitante e afrouxa o pudor (Livro IV:112)

[...]

Dido arde de amor e a paixão penetrou-lhe até os ossos [...] (Livro IV:113)

Dido diz atributos – dever e paixão –, atributos que no século XXI manifestam-se em outras figuras. É o dever de representante do poder da rainha Elizabeth II da Inglaterra, em seu jubileu de reinado, que desempenha papel similar ao de Dido; ambas são envolvidas pelo cortejo do poder:

Mas o jubileu levou, na terça-feira, 4, um milhão de súditos e turistas às ruas para acenar bandeiras e acompanhar o cortejo real passar pelas ruas de Londres.<sup>2</sup>

O casamento da princesa Martha Louise, da Noruega, ratifica a relação de poder-nobreza e amor frente a seu eleito: “Espero manter para sempre o amor e respeito que tenho por Ari”.

Nos atributos do dever e da paixão, Dido também se encontra na figura de Patrícia Pillar, namorada-esposa do então presidenciável Ciro Gomes (eleição para presidência do Brasil, 2003); luta em amor pela

vitória do companheiro, faz-se presente no processo da propaganda eleitoral, usa a sua fama de atriz, até global, para chamar atenção sobre seu parceiro.

Como figura da fortaleza, que luta, sorridente, contra a doença do câncer nas mamas, é a amazona Camila:

No meio do morticídio, exulta a amazona Camila, que traz a aljava e um seio descoberto para melhor combater; e ora espalha com a mão deusa nuvem de dardos, ora vibra, com a incansável destra, a forte machadinha; retinem em seus ombros o arco de ouro e as arenas de Diana. Mesmo quando ela é obrigada a virar as costas e fugir com o arco, dispara para trás as setas velozes. (Livro XI: 336).

Deslizam formas significantes, mas o conteúdo da propriedade fortaleza é durável na história do feminino: em vez do seio descoberto mostra a cabeça calva (descoberta), resultado da quimioterapia; em vez de dardos usa sorrisos; em vez de arcos e arenas usa o olhar confiante e os ombros altivos. Patrícia Pillar é aquela que “traz a aljava” na cabeça descoberta, ao lado de sua paixão Enéias-Ciro, na luta de alcançar a vitória na “guerra”.

Pentesiléia, amazona furiosa “com os seios descobertos e sustentados por um boldrié de ouro [...], se atreve a medir-se com os homens” (Livro I: 46). Da mesma forma, não importando as intenções políticas, a Sra. Romário, esposa de jogador brasileiro famoso, equipara-se ao masculino pela força física. É a sensualidade feminina no físico masculinizado. Sua imagem, segurando o peso, mostrando musculatura exagerada, com o olhar de “tudo-posso-conseguir”, mostra a mulher transitando no universo da força física masculina.

Lavínia, princesa e noiva de Turno, é a filha protegida, e a que

[...] ouvindo o que dizia sua mãe [...] inundou de lágrimas as faces ardentes; vivo rubor cobre-lhe o rosto e uma onda de calor percorre-lhe o corpo [...] (Livro XII:348).

De *Eneida* a *Caras*, Lavínia se encontra com Raica Oliveira, *top-model*, também protegida pelos carinhos de sua mãe, Conceição de Oliveira:

Acompanhada pela mãe, [...] ela vive em Nova York há dois anos,mas sempre que possível viaja ao Piauí para visitar a avó [...] e rever os amigos e a família em Teresina. Junto aos parentes

Raica é tratada como uma rainha... A morena admite que gosta de ser mimada, principalmente quando a mãe prepara seus quitutes.

As fragilidades filiais se tocam, enquanto proteções maternais se avivam. Amata, mãe poderosa de Lavínia, não se detém em problemas para defender a filha:

[...] não temendo cometer um maior sacrilégio e tornada mais furiosa, corre e esconde a filha nos montes cobertos de frondosas árvores, para roubá-la ao matrimônio com o teucro e retardar a cerimônia nupcial [...] (Livro VII, p. 211).

E Xuxa, rainha dos baixinhos, apresentadora de maior fama na televisão brasileira, não mede esforços de segurança para proteger (esconder) sua filha das violências possíveis a pessoas ricas e famosas, em uma sociedade de diferenças sociais muito fortes. É a mãe rica que diz: "O melhor presente para o meu coração eu já tenho: é a minha filha"; e a mãe que se provê de aparato de segurança em prol de sua família.

Muitos outros atributos, alocados em figuras diferentes, espalhadas pelo tempo histórico, podem continuar a se encontrar, tanto manifestados no lingüístico literário quanto no sincretismo midiático. No relacionamento entre discurso literário e midiático reforça-se não se estar propondo uma análise comparativa entre os estilos de cada uma das linguagens, mas indicando que ambas as linguagens comungam o linguajar de mundo em atos de fala. A especificidade do discurso midiático é que junto aos atos de fala pratica os atos de figura, isto é, simultaneidades entre verbal e não-verbal caracterizantes do sincretismo de linguagens. O espaço literário diz e o midiático diz e mostra, acolhendo a natureza representativa da linguagem. Atos de fala e atos de figura mesclam-se, pois

Os atos de fala como os de figura são estudados concomitantemente nos discursos sincréticos da mídia, já que esta focaliza, impulsionada pelos processos de globalização da tecnologia e comunicação, próprios da atualidade, a sociedade a expressão de todos os seus ritos e linguagens. (Ströngoli, no prelo)

### **O metainstável das inter-histórias**

A primeira questão se apresenta. Pode a linguagem representar o ser ou o sujeito diz/faz – em ato de linguagem – o ser naquele instante? Tanto Dido diz/faz/mostra o mundo do século I, quanto Patrícia Pillar, o

do século XXI. O perfil dos significantes identitários de cada figura feminina é indubitavelmente contingência de uma época (e da própria subjetividade), pois cada espaço e tempo tem a forma de se manifestar e de se fazer; cada significante faz diferentemente os mundos primevo e atual. Patrícia diz ao “mostra[r] por que é a melhor aliada de Ciro Gomes”, seu sorriso e sua “calvície” fazem coragem e força, seu sorriso expressa o amor, seus ombros ao lado de Ciro Gomes são um querer-poder vitorioso. Dido diz e sente “os vestígios da antiga chama”, “arde de amor” e “afrouxa o pudor”. Dido e Patrícia são diferentes quando situadas historicamente, mas simultâneas quando se equivalem na propriedade da paixão. Cada momento é uma contingência histórica, um instante amoroso. A linguagem faz o feminino representando o ser feminino. Significantes deslizam no histórico-cultural, significados duram na natureza. As figuras femininas – Dido e Patrícia – compõem seus significados com feixe de semas próprios, mas pertencem a um mesmo campo semântico, no qual semas são partilhados ou aproximados pela equivalência. Devido a pertencerem a um mesmo campo semântico, com traços equivalentes, não poderiam referendar só os atributos assumidos em sua história e na história, mas também caracterizariam propriedades do universo identitário do feminino. No decorrer histórico das contingências sociais, busca-se pinçar do repetitivo a possibilidade de um olhar para a natureza pela cultura. Cultura e natureza não são perspectivas excludentes, cultura descortina a natureza. A história compõe-se de contingências e as inter-histórias permitem o metainstável.

Se o movimento atributivo de sujeitos sociais se repetem para a amostragem de propriedade naturais, se natureza e cultura compartilham espaços, à ciência e à vida também são permitidos os movimentos compatíveis. Logo, a proposta do então jogo de linguagem em convergir pontos de vista já mostra a neutralização de fronteiras teóricas na “metodologização” do construto identitário, pois construto é transformação, mudança. Como fixá-lo a rédeas teóricas? Ele se manifesta, ou, não importa, é manifestado. Linguagem e mundo se entrecruzam.

Não se nega um eventual comportamento pragmaticista das figuras femininas que agem em categorias que melhor lhe aprouverem em seu instante, no entanto, contingências podem se irmanar em feixes sêmicos. Não se nega a subjetividade na qual os atributos vivem, mas um vislumbre objetivo da natureza feminina é espargida em linguagens. Logo, a linguagem faz sujeito-histórico e pode representar o sujeito feminino meta-histórico.

A metáfora é um grande instrumento argumentativo, daí trabalharmos agora com a idéia de botox, uma substância paralisadora de movimentos. Em todas as áreas de vida e de ciência há uma tendência

muito grande a se adotar o botox, como uma forma de se sentir bem no mundo. Fixando, estereotipando, essencializando, marca-se o fim das indagações. Se ampliarmos a aplicação da metáfora do botox, sentimos o "real", o que se passa a nossa volta; o ser não gosta que mexam em seu cotidiano, não gosta que tirem suas coisas do lugar, dá ao enfeite um lugar fixo em sua sala, as rugas não devem aparecer, pois indica o passar do tempo, o passar de um estado para outro. O "imexível" provoca bem-estar e dá o controle sobre o todo. O alívio se processa. O instável da contingência cessa a nossos olhos.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Uma perspectiva do anatômico nos ajuda a solidarizar o holístico com o atomístico. A significação de anatômico não nega a instabilidade, haja vista a própria idéia de movimento em qualquer organismo, mas também vislumbra a idéia do todo.

Não quer-se dizer que a equivalência de atributos e a chegada a uma propriedade indiquem a essência do ser, mas que os valores assumidos pelas propriedades estão mostrando "algo" do ser feminino. O tangível é o atributo, o meta-tangível é a propriedade. O espaço meta-tangível não é fixo, se modifica, se transforma; pode ser entendido como um ponto condensador (e não fundacional) dos sujeitos no mundo. É o átomo no anatômico, pois pela própria instauração histórica de um núcleo, não se pode pensar em um princípio *a priori* construindo o ser, o ser existe movendo-se no organismo.

Aliando a argumentação à análise, pode-se dizer que são os sujeitos Dido e Patrícia Pilar – representantes de sujeitos sociais de momentos diferentes – que fazem a propriedade amor se movimentar; são os atributos da paixão, em "repetição" sêmica, exercidos pelos sujeitos femininos, que indicam a propriedade. A propriedade paixão-amor existe independentemente de Dido e Pilar, só que precisa de outros sujeitos para continuar vivendo. O sujeito é elemento integrante gerador do espaço anatômico, mas é na troca constante de sujeitos equivalentes que se vislumbra o metaespaço da vida.

### **Jogos de linguagens, o encontro de polaridades: essência/ contingência, holismo/atomismo, gramática/discurso**

Pelo estudo dos atributos femininos, na *Eneida* e no midiático, pôde-se perceber que polaridades perdem suas fronteiras delimitadoras, configurando uma metainstabilidade. Ou seja, a instabilidade da contingência dos atributos femininos, situados em um tempo e espaço específicos, mostra-se estável pela própria repetição dos atributos em histórias diferentes, estabelecendo propriedades trans-históricas desse sujeito.



Se propriedades existem na “permanência” dos atributos e se atributos constituem propriedades, a manifestação do sujeito não é o ser, mas uma variável que se formaliza em processo anatômico. É por essa linha de raciocínio que se percebe que contrários convivem. Essência e contingência se embrenham um no outro, pois a repetição das contingências atributivas ao sujeito epifaniza átomos da essência da condição humana dos sujeitos. Na outra polaridade, holismo e atomismo, afirma-se, sem fundacionar, que se tem a identidade feminina em atributos que se epifanizam no anatômico identitário, que permitem, por meio de propriedades, entrever a sombra holística do ser sujeito.

A mesma dinâmica se processa na linguagem. Os discursos não são a essência da linguagem, mas a contingência manifesta da mesma, e os discursos são formalizações atomísticas do organismo da linguagem. E, fazendo relação entre atributos e propriedade com discursos e gramática, discursos estariam para os atributos situados de linguagem e gramática para a propriedade que sobrejuz anatomicamente à constituição de discursos.

Nesta questão de gramática e discurso, iniciamos pelas diferenças entre os gêneros discursivos. Literatura e midiático são linguagens. Como linguagens em discursos constituem-se de estilos próprios e, manifestando-se em jogos de linguagens, se epifanizam em constituições diferentes – seus próprios estilos. No entanto, os contingentes discursivos se encontram na metainstabilidade da linguagem, ou seja, organizam-se pela presença da gramática. A gramática estaria para a propriedade da linguagem, enquanto discursos, para os seus atributos contingenciais. Em outras palavras, os discursos, performativos históricos, se encontram nas inter-histórias pela presença do “grama” (de gramática) também constitutivo do organismo da linguagem. O organismo da linguagem não abre mão nem do discurso nem da gramática. A argumentação sobre contingência e essência e sobre estética e mídia arrefece, assim, o embate entre gramática e discurso, porquanto a linguagem não só se constitui por sua gramática, mas também pelos contingenciamentos históricos em que os discursos são elaborados.

Fica em questão a idéia de que o organismo da linguagem representa não o holismo da essência, mas um construto, pois enquanto representação *de* um construto é uma representação *em* construto. Repetindo, nem tanto ao mar nem tanto à terra, fez-se desconstrução de atributos do feminino, particularidades de realidades – épocas e discursos diferentes –, para verificar que metafísica e pragmatismo, holismo e atomismo e gramática e discurso nos levam a possibilidades de leituras que se abrem em contínuo construto.

## Notas

<sup>1</sup> Não está aqui uma posição antiética nem cética. Mas, sem ser uma mente original, procuro caminhar ao lado dos imitadores, mas com uma certa rebeldia consciente da não-singularidade humana.

<sup>2</sup> Os textos de *Caras* e *Quem* não apresentam indicações separadas por data de publicação de modo a atender ao recurso analítico de que há um tipo de discurso midiático em contraponto a um discurso literário.

## Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PINTO, P.R. Margutti. Pragmatismo, ironismo e ceticismo em Richard Rorty. In: PINTO, P.R.M. et al. *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

RAJAGOPALAN, K. Por uma pragmática voltada à prática lingüística. In: SANDWAIS, A. (Org.). *A relação entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: UFRGS. (no prelo).

\_\_\_\_\_. *A teoria pragmática e a necessidade de considerar o sujeito da linguagem como um agente ético*. (pré-print)

\_\_\_\_\_. O singular: uma pedra no caminho dos teóricos da linguagem. In: *Cadernos de Estudos da Linguagem*, Campinas, Unicamp, n. 38 p. 79-84.

\_\_\_\_\_. O radicalismo e os seus limites: comentários sobre "Rorty e os Instrumentos da Filosofia" de B. Ramberg. In: PINTO, R.H.M. et al. *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

RORTY, R. *Filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Pragmatismo, filosofia analítica e ciência. In: PINTO, P.R.M. et al. *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1998.

STRÔNGOLI, M.T. *O espaço na textualidade verbo-visual*. (pré-print)

## COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão  
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)  
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma  
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira  
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie (SP)  
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

## **Colaboradores**

---

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE







Dupligráfica Editora  
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF  
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924  
e-mail: dupligráfica@terra.com.br







**OUTROS LANÇAMENTOS DA  
EDITORA UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

**Minhas cartas e as dos outros**

(volumes 1 e 2)

*Carlos Lacerda*

**A crise do modelo francês**

*Denis Rolland*

**Agrotóxicos: mutações, câncer &  
reprodução**

*Cesar Koppe Grisolia*

**Introdução à cinemática relativística**

*José de Lima Acioli*

**Novos estudos sobre línguas indígenas**

*Aryon Dall'Igna Rodrigues*

*Ana Suelly Arruda Câmara Cabral*

**Simmel e a modernidade**

(2.<sup>a</sup> edição)

*Jessé Souza e Berthold Öelze*

*(Organizadores)*

**A pós-graduação no Brasil: formação  
e trabalho de**

**mestres e doutores no país**

(volume 1 - 2.<sup>a</sup> edição)

*Jacques Velloso (Organizador)*

**Psicologia e conhecimento: subsídios  
da psicologia do desenvolvimento  
para a análise de ensinar e aprender**

*Maria Helena Fávero*

**Itinerários de Barbara Freitag**

*Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloísa*

*Bicalho de Sousa e Maria Francisca*

*Pinheiro Coelho (Organizadores)*

**N**as instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368